

**nº 30**  
**2º trimestre**  
**de 1994**



## EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

**Director**  
**Paulo Abrantes**

**Redacção**  
**Alexandra Pinheiro**  
**Ana Paula Canavarro**  
**Ana Vieira**  
**Eduardo Veloso**  
**Isabel Amorim**  
**Leonor Barão**  
**Helena Lopes**  
**Henrique Guimarães**  
**Maria João Lagarto**  
**Rosário Ribeiro**  
**Susana Carreira**

**Entidade Proprietária**  
**Associação de Professores**  
**de Matemática**

**Periodicidade**  
**Trimestral**

**Tiragem**  
**3000 exemplares**

**Composição**  
**Gabinete Técnico da APM**

**Capa**  
**Gabinete Técnico da APM**

**Montagem, fotolito e impressão**  
**Costa e Valério**  
**Nº de Registo: 112807**  
**Nº de Depósito Legal: 79882/94**

**Correspondência**  
**Associação de Professores**  
**de Matemática**  
**Rua Major Neutel de Abreu, nº 11**  
**1500 Lisboa**

**Nota: Os artigos assinados**  
**são da responsabilidade dos seus**  
**autores, não reflectindo**  
**necessariamente os pontos de vista da**  
**Redacção da Revista.**

# Reforma, mentiras e professores

Ana Vieira  
Paulo Abrantes

Não à Reforma! Este era um dos *slogans* dos estudantes, escrito a letras pretas num fundo bem amarelo, em autocolantes que circulavam por todo o lado durante o processo de luta contra as provas globais.

No início da contestação, as autoridades educativas chegaram a argumentar que não se justificava grande discussão, que as provas globais eram apenas “mais um teste”, algo perfeitamente integrado no processo de “avaliação contínua”. Por outras palavras, argumentavam, embora não o dizendo deste modo, que as provas globais não eram contraditórias com o “espírito da reforma educativa”.

Mas a argumentação era muito fraca e não convenciu ninguém. Se eram mais um teste, por que razão eram ao nível da escola e não da turma? E para que era o anonimato, a simultaneidade, os pontos de reserva, a segunda chamada? E por que razão uma prova desse tipo seria um instrumento de avaliação mais de acordo com os objectivos dos novos programas do que tantas outras actividades?

Começou a ouvir-se o argumento da necessidade de uniformizar, de aferir. Aqui, o “espírito da reforma” estremeceu... Mas a verdade é que as provas globais também não satisfaziam aqueles que queriam afinal um exame *a sério*, uma “verdadeira” prova de aferição.

Ouve-se falar que, para o ano, haverá exames nacionais. As provas globais teriam sido uma encenação, uma espécie de ensaio? A verdade é que os argumentos que invocavam a reforma desapareceram da boca dos responsáveis e foram substituídos pelas habituais acusações aos professores (como nas chicotadas psicológicas do futebol em que o treinador é despedido porque não se podem mandar embora os jogadores e muito menos os dirigentes que têm sempre razão). A ministra chegou a declarar no Parlamento que as provas globais teriam, pelo menos, a vantagem de obrigar os professores a cumprir os programas! Uma afirmação extraordinária quando se sabe que as provas trouxeram uma perturbação às escolas que afectou o trabalho não só com as turmas do 10º ano mas com as de todos os anos de escolaridade. Além disso, as provas globais *atropelaram* completamente os trabalhos da área escola e outras actividades desenvolvidas no “espírito” inovador da reforma.

O que se seguirá, ninguém sabe ao certo. Podemos imaginar que o Ministério distribuirá desdobráveis com as palavras de ordem “Não à Reforma! Sim aos exames!” e os estudantes mudarão os autocolantes para “Reforma sim, provas globais não!” (um cenário surrealista mas talvez menos confuso). Mas também podemos imaginar outras coisas. Afinal, ainda há pouco tempo, o primeiro-ministro declarou que o próximo grande desafio será alargar a escolaridade obrigatória para 12 anos. Quando este e outros “imperativos europeus” se impuserem, então teremos outra vez, durante algum tempo, discursos em nome de uma grande reforma educativa.

No meio de tudo isto, os professores são vistos como correias de transmissão de ordens e contra-ordens. Um estatuto inaceitável. Não nos podemos limitar a dar aulas, fazer exames, cumprir instruções. A alternativa não é fazer isso mas dizendo mal de tudo, nem reduzir as nossas pretensões a mais dinheiro e mais horas por semana para “cumprir o programa”. Temos o direito e o dever de discutir os objectivos e os efeitos do nosso trabalho perante os alunos e a sociedade, à luz da nossa experiência única e do nosso papel na educação. Os alunos reagiram às provas globais dos seus pontos de vista. O Ministério fez o mesmo. E nós, o que fizemos?